

NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NA ZONA DA MATA NORTE DE PERNAMBUCO – 1890/1910

Cláudio Roberto de Souza
Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História/UFPE
claudiosouza2006@hotmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o processo de implantação das igrejas evangélicas na Zona da Mata Norte de Pernambuco, entre 1890 e 1910, quando os batistas, os congregacionais e os presbiterianos abriram suas primeiras frentes missionárias na região. Examinamos a relação da dinâmica de criação e organização destas igrejas com o processo de integração territorial da Zona da Mata à capital, através da construção da ferrovia que ligou o Recife a Campina Grande; as estratégias de difusão da fé e o enfrentamento dos protestantes com a cultura popular católica e o próprio clero; a articulação, incluindo confrontos e acomodações, dos líderes missionários com a nova ordem republicana, para garantir direitos ou inserir-se, voluntariamente ou não, nas disputas políticas locais; as estratégias de formação de líderes locais; e as relações entre as próprias denominações, que atuavam naquele momento, na região.

INTRODUÇÃO

No dia 1° de maio de 1915, o jornal A Serra, editado semanalmente em Timbaúba, informava aos seus leitores que "no último domingo tiveram lugar na Egreja Evangélica, diversas cerimônias religiosas que se revestiram de grande brilhantismo". Estiveram presentes na referida cerimônia, os pastores Júlio Leitão de Mello e James Holden, "empolgando o grande e seleto audictorio com phrases fluentes". Foi realizado naquele dia, o batismo de "quatro senhoras e três cavalheiros". O reverendo Júlio Leitão era um dos filhos de uma das famílias mais antigas de São Vicente Férrer, cujas atividades econômicas eram ligadas à cafeicultura.

Converteu-se a partir do trabalho missionário dos congregacionais e foi batizado em 1905 por um missionário da Igreja Evangélica Pernambucana. Esta igreja foi, a partir da cidade do Recife, o centro de difusão do congregacionalismo no Nordeste, e o jovem Júlio Leitão foi consagrado pastor em 1912, por ocasião da organização da igreja congregacional de Monte Alegre, localizada em Pirauá, atual município de Macaparana, depois de ter cursado o Seminário Presbiteriano de Garanhuns. O pastor James Holden, também conhecido por Haldane, por sua vez, era um missionário congregacional escocês que chegou ao Brasil em 1911, e assumiu a direção da Igreja Evangélica Pernambucana, onde trabalhou fortemente na abertura de frentes missionárias desta igreja.

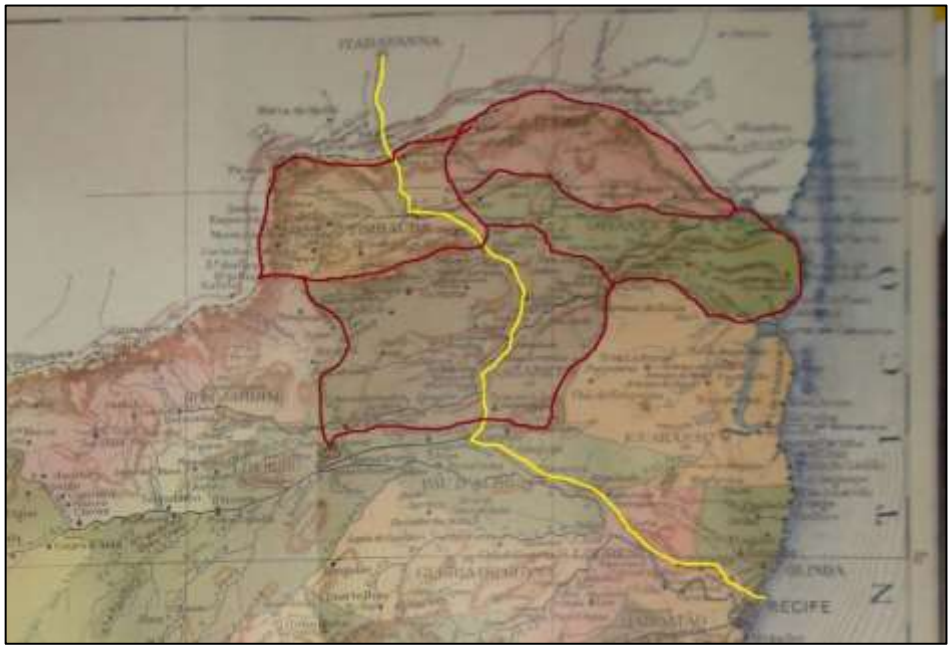
Macapá e São Vicente Férrer eram, àquela época, distritos do município de Timbaúba, uma região localizada na região de fronteira da Zona da Mata Norte de Pernambuco com a Paraíba cuja economia estava ligada ao comércio, ao algodão, ao café e, no caso de Timbaúba, à tecelagem do algodão. Antes da Igreja Evangélica Congregacional, fundada na cidade em 1911, os batistas haviam fundado a sua igreja em 1901, a partir de uma frente missionária aberta pela Igreja Batista em Nazaré da Mata e pelo pastor Salomão Ginzburg. Este último era um judeu polonês que se converteu ao evangelho na Inglaterra e emigrou para os EUA, onde se tornou missionário da Igreja Congregacional, destacado para trabalhar em Portugal, de onde veio ao Brasil em 1891. Aqui, ligou-se aos batistas e à Junta de Missões de Richmond, sul dos EUA, passando a desenvolver suas atividades por todo o território nacional, radicando-se em Pernambuco entre 1900 e 1909.

A notícia publicada n'A Serra daquele 1° de maio, portanto, remete-nos a um momento particular na história da igreja cristã no Nordeste, que foi o intenso trabalho desenvolvido pelos missionários protestantes das igrejas batista, congregacional e presbiteriana, para realizar a difusão de sua fé. As igrejas evangélicas constituíam uma nova cultura religiosa, diferente dos padrões católicos praticados tanto pelo clero, quanto pelo povo; tanto do catolicismo romanizado que expandia sua influência sobre o clero naquele momento, quanto sobre a cultura religiosa católica popular, que muitas vezes se desenvolvia amparada em devoções e ritos que cresciam à margem das instruções oficiais do clero.

A implantação destas igrejas dependia de condições de infraestrutura de transporte, envolvia o processo de recrutamento e formação de líderes e pastores locais; o relacionamento entre as denominações, que ora de colaboração, ora de conflito por questões doutrinárias; as estratégias de proselitismo; o enfrentamento e o conflito com a cultura católica; o provimento dos recursos necessários ao trabalho e ao funcionamento das novas igrejas; e a criação de uma

identidade cultural entre os conversos que fortalecesse seus laços internos e dificultassem a dispersão dos membros das novas igrejas.

1. A ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX



Detalhe da Carta Chorographica do estado de Pernambuco, indicando os quatro municípios da Zona da Mata Norte (Timbaúba, Itambé, Goiana e Nazareth). A linha amarela indica o roteiro da ferrovia, que saía do Recife, atravessa a região e seguia para Campina Grande.

A Zona da Mata Norte de Pernambuco é uma extensa área, que era formada no início do século XX, por quatro grandes municípios, quais sejam, Goiana, Nazaré da Mata, Itambé e Timbaúba. Estas quatro cidades envolviam os distritos que se emancipariam ao longo do século. Vicência, Aliança e Tracunhaém eram distritos de Nazaré da Mata; Camutanga, Ferreiros, Serrinha eram distritos de Itambé; Macapá e São Vicente Férrer eram distritos de Timbaúba; e Condado e outra parte do que viria a ser Aliança, eram distritos de Goiana. Juntos, os quatro municípios possuíam cerca de 100 mil habitantes. Até há um pouco de tempo, toda a faixa fronteiriça com a Paraíba era o município de Goiana, até que houve a criação da vila de Itambé em 1867, que passava a ter jurisdição sobre o território que abarcava os atuais municípios de Serrinha, Camutanga, Ferreiros, Timbaúba, Macaparana e São Vicente Férrer. Doze anos depois, em 1879, Timbaúba foi separada de Itambé, ficando até 1928 com o controle sobre Macapá e São Vicente Férrer.

O desmembramento de todas estas vilas, constituindo novos municípios, é um processo que está associado à existência de atividades econômicas que proporcionaram um dinamismo e o desejo de autonomia nas elites locais. No caso de São Vicente Férrer, a região é de uma

altitude elevada, com temperaturas bem mais baixas, com um perfil fisiográfico muito diferente de sua sede original (Goiana) ou mesmo de Timbaúba, a quem ficou posteriormente jurisdicionada. É uma área fronteiriça com o Agreste que teve nas últimas décadas do XIX o desenvolvimento de uma importante cultura cafeeira. A região entre Nazaré da Mata e Timbaúba era largamente ocupada por algodoais, pequenos proprietários, pela fruticultura, que possibilitaram o surgimento de importantes feiras nestes municípios, tornando-os o centro de uma rede relações comerciais e políticas com a capital, que marcaram inclusive os grandes conflitos políticos da segunda metade do XIX. A região foi palco da Praieira, dos Quebra-Quilos, do Ronco da Abelha, todas elas, sublevações associadas à presença de pequenos agricultores e homens livres pobres nesta região de Pernambuco (PALACIOS, 2004, 25-27).

2. A FERROVIA GREAT WESTERN: DO RECIFE A CAMPINA GRANDE, PELO CORAÇÃO DA ZONA DA MATA NORTE

A implantação das ferrovias e o traçado que elas seguiram foi outro fator importante que contribuiu para o surgimento de diferenças econômicas no interior de vilas, promovendo o crescimento de certas localidades e o seu futuro desmembramento. Contribuiu mesmo para a alteração econômica das relações entre os municípios já estabelecidos, possibilitando o dinamismo de uns em detrimento de outros. Mas, não apenas isso. As relações sociais e a cultura seriam dinamizadas pelo contato com o elemento externo, o estrangeiro, o caixeiro, que agora tem o seu deslocamento facilitado, a viagem e o contato com a capital levando menos tempo, os jornais circulando mais rapidamente, as ideias circulando mais intensamente. O mundo religioso é um dos melhores exemplos dessa interação cultural provocada e acelerada pela ferrovia. Os missionários seguem a rota da estrada de ferro na abertura de seus pontos de pregação, de suas bases de atuação.

Este processo é claramente perceptível através da relação entre as datas de abertura das estações ferroviárias e das igrejas na região. Os missionários chegavam pelas ferrovias e logo depois de estabelecida uma estação ferroviária, os protestantes surgiam com suas pregações, anunciando sua ‘nova seita’.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS/ABERTURA DE IGREJAS EVANGÉLICAS		
MUNICÍPIO	**ESTAÇÃO FERROVIÁRIA**	**IGREJA**
NAZARÉ DA MATA	1882	Presbiterianos, 1890; batistas, 1900.
TIMBAÚBA	1888	Batistas, 1900. Congregacionais, 1910
Sirigi (São Vicente)	Ramal Timbaúba	Batistas, 1903.
São Vicente	Ramal Timbaúba	Batistas, 1914.
PIRAUÁ	Ramal Timbaúba	Congregacionais, 1910
GOIANA	Não há ferrovia, mas a cidade já se liga a Recife por estrada de rodagem no início do século.	Presbiterianos, 1900. Batistas, 1892.
Campina Grande	1907	Batistas, 1923. Congregacionais, 1920.
Vicência	Ramal Pureza, 1883	Batistas, 1941.
Aliança	1883	Batistas, 1935
Limoeiro	1882	Batistas, 1901.

Fonte: Tabela consolidada pelo autor do artigo a partir de dados colhidos em GINSBURG, 1970; MELO, 2008; PEREIRA, 2001; e SOARES, 2009.

A segunda metade do século XIX assistiu, portanto, ao surgimento e criação de uma rede de ferrovias, a maior parte sob a direção da Great Western do Brasil, que detinha inicialmente um ramal que ia do Forte do Brum até Limoeiro, início do Agreste. À altura da atual cidade de Carpina, a GWBR começou a construção de outro ramal em direção ao norte para encontrar-se com a Estrada de Ferro Conde D'Eu, que seguia em direção a Natal, Rio Grande do Norte. A construção do ramal norte da ferrovia seguiu o roteiro Carpina (1881), Tracunhaém (1882), Nazaré da Mata (1882), Upatininga/Aliança (1882), Baraúna/Aliança (1883), Centro de Aliança (1883), Pureza/Timbaúba (1883), Centro/Timbaúba (1888) e Rosa e Silva/Timbaúba (1900), de onde seguiu para a Paraíba, ligando-se aos ramais de Campina Grande e de Natal.

As igrejas evangélicas surgiram seguindo esta rota e datas, um fato que foi evidenciado pelo reverendo Ginzburg em seu livro de memórias, quando relembra os fatores que ajudaram a ampliação do trabalho missionário na região. Segundo o reverendo, tratando sobre a igreja de

Limoeiro, mas com um arrazoado que pode perfeitamente ser estendido para o restante da região,

> "A cidade de Limoeiro é um centro muito estratégico no campo pernambucano, não somente por causa da sua população e facilidades da estrada de ferro, mas também por sua vizinhança com plantios de algodão e de cana de açúcar." (GINZBURG, 1970, 142)

Em um estudo sobre as estradas de ferro no Nordeste e em Pernambuco, o professor Josemir Camilo demonstra que havia uma relação entre as ferrovias e a atração de investimentos que não eram apenas ligados ao açúcar. Demonstrando seu argumento através do estabelecimento das tecelagens no estado, ele afirma que

> "destas fábricas [têxteis], apenas Goiana e Paulista foram assentadas fora de qualquer linha ferroviária. Isso prova que, em sua maioria, as ferrovias e tramways atraíram não somente engenhos centrais e usinas, mas fábricas têxteis, mesmo em outras províncias, como Alagoas e Rio Grande do Norte" (CAMILO, 2008, 93)

Podemos acrescentar que atraíram não apenas novos investimentos, mas contribuíram para a circulação de novas ideias em toda a extensão que atingiram.

3. "INFORTUNADOS FILHOS DE LUTHERO E CALVINO": CONFLITOS ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS

A nova forma de exercício da fé cristã que se propaga pela Zona da Mata Norte, na década de 1890, possui as diferenças doutrinárias óbvias com o catolicismo romano, que diz respeito às devoções aos santos, aos sacramentos, o papel do clero na relação entre o crente e Deus, na organização eclesial, na leitura da bíblia. Mas, podemos perceber essas diferenças como parte de algo maior, que é a forma de compreender o próprio mundo, as relações culturais, o papel de si, como indivíduo, diante da vida e das coisas do sagrado. Nesse sentido, o choque entre católicos e evangélicos, as conhecidas 'perseguições religiosas' que estes sofrem, não ocorrem apenas por uma mera diferença doutrinária, mas porque esta diferença acende um debate sobre as diferenças culturais mais amplas entre estes sistemas de mundo, estas cosmovisões.

Desta forma, podemos compreender como os conflitos ocorrem, mesmo com o país estando já sob o signo da constituição republicana de 1891, que havia separado oficialmente a religião e o Estado, que havia criado instrumentos de secularização das relações sociais e políticas para reger o próprio Estado. Mesmo que a legislação garantisse a liberdade religiosa e a liberdade plena de culto, nas vilas, cidades, distritos e fazendas do interior, o que está em jogo não é apenas o cumprimento da lei, mas o confronto entre dois conjuntos de padrões culturais religiosos que trazem diferenças marcantes nos seus exercícios religiosos, mas, também nos relacionamentos sociais mais amplos.

Os relatos de confrontos podem ser encontrados facilmente nos livros de memórias das igrejas e dos missionários que atuaram na região. Neste artigo, servimo-nos dos relatos de perseguição consignados no livro de memórias do reverendo Ginsburg, na sistematização procedida pela professora Joyce Every-Clayton e pelos professores Zaqueu Moreira Reis e Caleb Soares em seus livros que tratam, respectivamente, do início da Igreja Evangélica Pernambucana, das perseguições religiosas aos batistas e aos presbiterianos, especificamente, os capítulos destas duas últimas obras que tratam de Pernambuco. Evidente, que tais relatos precisam sempre ser conferidos com uma documentação produzida fora do âmbito eclesial, para evitar a armadilha de um discurso hagiológico e de vitimização destinado a criar heróis da fé. A imprensa secular, entretanto, registra também com assiduidade relatos de diversos tipos de confrontos entre os evangélicos e os católicos, e para este artigo examinamos o jornal diário A Província, onde a os capuchinhos e a Liga contra o Protestantismo escreviam com frequência e divulgavam as ações de resistência ao avanço dos ‘nova-seita’.

Encontramos um conjunto de enfrentamentos que poderíamos dizer que são conduzidos por um debate de natureza ideológica entre os dois sistemas, o católico e o evangélico, a exemplo de quando os capuchinhos recolheram bíblias distribuídas por colportores e as incendiaram numa fogueira em frente à Igreja da Penha, em Recife (ARAUJO, 1906, VII-X). Outros relatos dão conta de agressões aos templos construídos ou que eram utilizados para esse uso. Foi o caso da Igreja Batista de Nazaré da Mata, incendiada em 1896, logo depois de iniciado o trabalho batista neste município (PIMENTA, 1994, 80).

E, ainda, situações inusitadas que levaram a catástrofes, como a que ocorreu em Bom Jardim, no agreste de Pernambuco, no dia 15 de abril, o domingo de páscoa de 1900. Ali, o trabalho batista resultou na conversão de um político local, que passou a organizar cultos em sua fazenda, levando a luta política que travava com o coronel local a travestir-se em conflito religioso, resultando em um choque armado e na morte de dezenas de pessoas. O relato feito pelo reverendo Ginsburg em seu livro de memórias inicia descrevendo Bom Jardim como

"rodeada de ricos plantios de cana de açúcar e criação de gado bovino, um centro de riquezas e com um grande futuro, principalmente se o plano para [a construção de] uma ferrovia chegar a ser feito". O pastor destaca um elemento desprezado na crônica de diversos outros evangelistas, tratando do comportamento assumido pelos conversos à nova fé em suas relações cotidianas com a comunidade, marcado pelo ímpeto proselitista, decorrente da percepção dos evangélicos sobre a necessidade de conversão da alma e do comportamento social para a salvação da alma. Segundo o pastor, "como acontece muitas vezes, os conversos neófitos, cheios de zelo e falta de prudência, começaram a rir e zombar dos católicos e dos padres". Tal enfrentamento evoluiu gravemente por "ser aquele convertido de influência e alguns fazendeiros interessados pertencentes ao partido político da oposição e em cujas fazendas estavam havendo as pregações". Pelo mando do chefe político,

> "mais de 80 cangaceiros vieram para atacar um grupo de 15 crentes, desarmados, inofensivos e sem proteção! O sinal para o ataque do grupo que vinha pelos fundos era um tiro de espingarda, dado à toa. (...) Cerca de oito horas da noite, os perseguidores entraram na cidade com grande alarido. O povo, não sabendo o motivo de sua vinda, pensou que vinham roubar e matar toda a gente, como acontecera recentemente em muitos lugares. (...) o chefe político, porém, instado pelo chefe da cidade, vendo o que se dava no teatro, encontrou o grupo e conseguiu fazer-se ouvido pelo chefe dos cangaceiros. Pediu-lhe que voltasse, pois que a sua presença estava causando grande consternação. O tal chefe consentiu, aparentemente, em retirar-se, mas, propositalmente ou não, levantou a espingarda e deu um tiro à toa e gritou: 'Viva Nossa Senhora Santa Ana!' O grupo que vinha pelos fundos, não sabendo o que se passava, logo que ouviram o tiro, ergueram as armas e começaram a fazer fogo, cuidando que estavam atacando os protestantes. O grupo das ruas, vendo que estavam sendo atacados, pensaram que eram os protestantes que os atacavam e fizeram fogo no grupo oposto. Antes que se descobrisse o engano, uns vinte e cinco estavam mortos e mais de cem, feridos." (GINSBURG, 1970, 123)

As imprecisões deste relato devem-se a sua natureza, que não era a de realizar um registro histórico, com a fixação precisa de datas, nomes e lugares, mas, produzir um relato memorialístico destinado à animação de sua comunidade de fé, em uma espécie de testemunho pessoal das dificuldades e superações que os evangélicos enfrentaram no trabalho de estabelecimento de suas igrejas. Tal estratégia argumentativa, conscientemente ou não, importa-se menos com a precisão documental do fato, do que com a sua interpretação. Desta forma, o relato enaltece e potencializa os aspectos positivos do comportamento dos missionários, dos conversos, dos seus simpatizantes, ao mesmo tempo em que atribui ao outro, aqueles que não partilham da nova fé, a responsabilidade pelos obstáculos, dificuldades e

perseguições que o trabalho missionário tenha sofrido. Não estamos afirmando que tais relatos sejam mentirosos, no sentido dos fatos não terem ocorrido, mas, que o seu objetivo, qual seja, o de constituir-se em um relato pedagógico, para animar os crentes na atividade missionária, traz prejuízos para situar com precisão o evento em tela. Sendo assim, o trabalho do historiador é repor o evento no contexto da teia de relações sociais em que ele esteve inserido, analisando o fato, mas tomando também a interpretação dada pelo seu narrador como objeto de análise.

O relato feito por Ginsburg é um tanto confuso, não faz referências aos nomes dos personagens, não especifica os nomes das fazendas nem das autoridades. Um ponto que merece atenção é a invocação a Nossa Senhora de Santana, por parte do chefe daqueles que estão atacando os protestantes. A narração cria uma sensação de estarmos diante de uma guerra religiosa, e esta era a intenção do autor, considerando ainda que o seu livro foi escrito mais de uma década depois da tragédia. O episódio de Bom Jardim ganha mais luzes a partir da identificação do pároco local, padre João Bezerra, que ocupava o cargo de senador estadual, do fazendeiro Antonio Marques, que fazia oposição ao pároco também nas questões políticas, trazendo para a questão religiosa, que já não era algo simples, um ingrediente potencialmente explosivo, que era a sua interação com o mundo das relações de poder clientelistas e lideradas por chefes políticos poderosos (REIS, 1999, 100-105).

O chefe político local teria armado uma emboscada para o seu adversário porque agora, a expansão dos evangélicos estava sendo interpretado pelo coronel como um desafio ao seu poder. O confronto está repleto de elementos da cultura religiosa de ambos os grupos. No relato do missionário, o fazendeiro converso não estava com tais intenções, mas a hipótese de uso da nova fé para algum tipo de mobilização política não é implausível (GINZBURG, 1970, 123-126).

Em um trabalho sobre o protestantismo no sertão, o professor Severino Vicente relata um episódio ocorrido em Belém do São Francisco, em que o padre local "exige que o proprietário do imóvel onde os cultos eram realizados, tome de volta o prédio e, após a saída dos inquilinos, é feito o exorcismo do prédio após uma procissão" (SILVA, 2010, 82). A memória produzida por evangélicos sobre as perseguições também é farta em relatar tentativas de assassinatos sofridas pelos missionários, como esta coletada pelo batista Antonio Mesquita, sobre o atentado sofrido pelo pastor João Borges da Rocha, em Timbaúba:

> Em 17 de abril de 1901, ao retornar do culto o pastor Borges sofreu tentativa de assassinato, ficando ferido, fato que não o impediu de pregar na noite seguinte. Salomão Ginzburg pediu providencias ao Governador do Estado, o qual determinou ao Juiz de Direito dar garantia de vida ao pastor Borges e responsabilizou o vigário

> de Timbaúba pelo que acontecesse a este. O padre, sentindo-se humilhado e irado, sofreu uma convulsão a caminho para Recife, onde faleceu (MESQUITA, 1929, 74).

4. Considerações finais e perspectivas de pesquisas

A consolidação da presença protestante na Zona da Mata Norte de Pernambuco no início do século foi favorecida pelo processo de modernização econômica que a região experienciou no início do século XX, a exemplo da expansão das ferrovias e difusão da imprensa local.

Os conflitos que se desenvolveram, principalmente com os grupos católicos, envolveram por um lado, o confronto teológico-doutrinário entre os pastores e o clero católico. Por outro, as novas práticas religiosas provocavam um atrito entre dois conjuntos de padrões culturais religiosos, marcados pelas diferenças marcantes entre seus rituais. Pensemos no impacto causado pelos batismos protestantes, quando pessoas conhecidas de há muito tempo nas cidades e várias delas de famílias antigas e todas elas católicas, renegavam publicamente o catolicismo e se rebatizavam.

Há um campo ainda por ser explorado nas pesquisas sobre tais conflitos, que o agenciamento que os grupos protestantes fizeram sobre tais acontecimentos. De fato, tornou-se quase um tipo literário particular a divulgação impressa dos relatos de perseguição. Assim, temos notícias de diversos conflitos e acontecimentos graves, a exemplo da tragédia de Bom Jardim ou de incêndios de templos evangélicos, mas que carecem de documentação produzida externamente para que se possa identificar outras dimensões do acontecimento e suas consequências. Tais relatos contribuíram também para desenvolver uma identidade cultural entre adeptos das novas igrejas, fortalecendo os laços internos dos conversos.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Vicente Férrer de Barros. **Seitas protestantes em Pernambuco**. Recife, Typographia do Jornal do Recife, 1906.

EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. **Um grão de mostarda, documentando os inícios da Igreja Evangélica Pernambucana.** Recife, Edição do Autor, 1998.

GINZBURG, Salomão. **Um judeu errante no Brasil**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista/JUERP, 1970.

MELO, Josemir Camilo de. **Ferrovias Inglesas e Mobilidade Social no Nordeste (1850-1900).** Campina Grande-PB: EDUFCG, 2008.

MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos Batistas do Brasil: 1907 até 1935.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

PALACIOS, Guillermo. **Campesinato e escravidão no Brasil: agricultores livres e pobres na Capitania Geral de Pernambuco, 1700-1817**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2004.

PIMENTA, Renan. **Igreja Batista em Nazaré, um século**. In Revista de História Municipal, Recife, FIAM/CEHM, n. 6, 1994.

REIS, Zaqueu Moreira. **Perseguidos, mas não desamparados. 90 anos de perseguições religiosas contra os batistas brasileiros – 1880/1970.** Rio de Janeiro, JUERP, 1999.

SOARES, Caleb. **150 anos de paixão missionária – O presbiterianismo no Brasil.** São Paulo, IPC, 2009.